



EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL: desafios na transposição para a modalidade online

Beatriz Cristina Soares de Souza (UNIR)
Jéssica Paiva Ferreira (UNIR)
Raissa Ribeiro (UNIR)

Resumo

Partindo da experiência como professoras de um curso de “Português como Língua Adicional” que faz parte do programa de extensão “Trânsitos, fronteiras, migração e Línguas Adicionais na Amazônia” realizado pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, objetivamos, neste trabalho, compartilhar experiências sobre o ensino-aprendizagem e discutir sobre os desafios enfrentados pelos alunos de português falantes de outras línguas. Este curso foi ministrado virtualmente no início da pandemia ocasionada pela COVID-19 por discentes do curso de Letras Inglês e Espanhol da UNIR. Esta ação do programa, antes ministrado de maneira presencial, se viu na necessidade de se adaptar aos meios digitais, para que continuasse atendendo a comunidade que tanto necessitava e buscava pelas aulas de português, tendo assim, um número maior de alunos através das plataformas online. Nos deparamos com alguns desafios e o maior deles foi a falta de acesso à internet por parte dos alunos para que conseguissem assistir às aulas com frequência. Ao longo do curso, para haver uma melhor adaptação às necessidades dos alunos em decorrência da mudança para a modalidade online. Percebemos a falta de conhecimento prévio da educação por meio digital por parte dos alunos, o que pode ser resultado de uma tardia adaptação da educação a esse meio de ensino que agora necessita ser feita de forma célere. As experiências vividas neste processo, por meio de interação entre aluno-professor, nos mostraram que os desafios no ensino ficaram em evidências ao decorrer do curso e a busca para otimizar o trabalho e garantir o ensino para todos foram se otimizando a cada encontro com o auxílio de questionários feedback e o acompanhamento das dúvidas via grupo WhatsApp. As reflexões sobre as nossas experiências estão embasadas em autores como Ribeiro (2016), Santos Costa (2018), Moita Lopes (2013), entre outros.

Palavras-chave: Experiência. Programa de Extensão. Formação. Língua Portuguesa

Introdução

O curso de Português como Língua Adicional para falantes de outras línguas (PLA), que faz parte do Programa de extensão: "TRÂNSITOS, FRONTEIRAS, MIGRAÇÃO E LÍNGUAS ADICIONAIS NA AMAZÔNIA" do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia consiste em atividades para compreensão auditiva, produção oral, leitura e escrita de língua portuguesa em nível básico, intermediário e avançado. O conjunto de conteúdos do curso abarca gêneros textuais diversos com temas de questões ambientais, de direitos humanos, de linguística, de intercultura, de identidade e de gênero, assim como noções de estruturas fonético-fonológicas do português.

No início Ainda na modalidade presencial, buscamos dar o conteúdo gramatical de forma acessível e breve, ou seja, sempre trabalhando um conteúdo por vez, para facilitar o diálogo e apresentar aos alunos as inúmeras maneiras de se manter uma conversa cotidiana no Brasil, facilitando sua busca a empregos e melhorando sua qualidade de vida no país. Com dinâmicas de tradução, os alunos sempre traziam palavras avulsas a fim de conhecer o significado e como utilizar.

É muito importante saber sobre a disposição e contexto do/a estudante para o aprendizado. Para o imigrante, imerso num contexto onde aprender o português se faz fundamental para sua adaptação no país: “[...] o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo.” (RAJAGOPALAN, 2003), muitos se viam dispostos a comparecer às aulas até mesmo depois de um dia de trabalho quando já cansados, assim se vê uma grande motivação por parte do aluno/a. Com a pandemia e as adaptações ao nosso “novo normal”, acreditávamos que esse ânimo pudesse ser abalado, no entanto, muitos alunos mantiveram contato conosco e nos cobravam a volta das aulas de Português o que acabou nos incentivou para a comutação das atividades, que agora se encontra em formato *online*.

Sempre compartilhamos do fato de que a cultura é como "a expressão da totalidade da vida social do homem" (CUCHE, 2002), assim, valorizamos a troca de conhecimento e principalmente de cultura entre nossos alunos, propiciando um ambiente de interculturalidade e conhecimento mútuo. Presentemente, com essa



troca de ambiente iniciou-se o debate: ‘de como manter o ambiente harmônico que tínhamos de forma presencial?’

Contamos com a ajuda de uma das professoras que já obtinha vasta experiência com ferramentas na área da educação em meio digital, então como estávamos animados com o desejo dos alunos de continuar com as aulas, fizemos essa troca de maneira célere, buscando nos adaptar ao mesmo tempo que ambientávamos nossos alunos, como estudantes de licenciatura em letras que, é claro, quer adquirir e passar conhecimento, ficamos felizes por poder nos inserir a essa nova era, buscando nos adequar para atender a todas da melhor forma.

Nosso maior interesse com este trabalho, está em elencar as dificuldades dessa transposição, sendo as sociais enfrentadas pelos imigrantes na tentativa de aprender o português de maneira presencial, e principalmente na modalidade *online*, sendo a falta de *internet* e aparelhos eletrônicos em geral. Dificuldades essas, que também foram encontradas por nós, professoras do curso, como a falta de conhecimento de ferramentas para seguir com as aulas.

Sobre a transposição do ensino de PLA para o meio digital

Vivemos em uma sociedade que se move através da luta pela sobrevivência, onde nem todos têm as mesmas oportunidades. A *internet* e as plataformas digitais de ensino estão disponíveis já tem um tempo, mas disponíveis para quem?

A Venezuela por exemplo, é o país que possui a internet mais lenta da América Latina e que tem passado por vários colapsos durante a pandemia. Já aqui no Brasil, temos dados de que 80% dos imigrantes venezuelanos, que são a grande maioria de nossos alunos, possuem internet de acordo com a Plataforma Regional de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela.

As plataformas de ensino digitais se tornaram nosso principal meio de continuar com as aulas. “No Brasil, a demanda por aplicativos de educação cresceu

cerca de 130% somente em março, o primeiro mês da pandemia. Esse crescimento ficou atrás apenas da categoria de aplicativos que auxiliam o *home-office* e videoconferência, e a frente daqueles voltados para entregas e *streaming* de vídeos”, coloca André Alves, cofundador e CEO da Shapp.

As instituidoras deste projeto e professoras da Universidade Federal de Rondônia, também viram essas plataformas como uma porta de saída para não parar, e dar continuidade no ensino da nossa língua materna para os imigrantes que necessitavam.

Trabalhamos desde o início com alunos de diversas idades, vivências, cidades, e países. Sendo assim, foi feito um questionário de *feedback*, com perguntas que nos ajudaram a dialogar de forma mais concisa com todos, afinal, "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo." (FREIRE, 1987), como por exemplo: “por que em especial aquele aluno/aluna gostaria de aprender português?” Para o ENEM, para o trabalho, estudos variados ou apenas conversação. No começo, a conversação deu-se como foco principal, para se aprender a gramática básica do português facilitando a convivência no país.

Com as instruções da professora Carla Pascoal (UNIR) que possui múltiplos diplomas no meio digital passamos a realizar essa introdução de novos métodos de ensino e assim as aulas alcançaram um público maior, passamos a ter mais alunos não locais, agora que não estamos limitados a ambiente físicos.

Como nossas orientadoras estavam ainda na fase de experimentação, pois toda essa nova forma de dar aula está sendo algo novo para uma grande parte dos docentes, só tivemos nossa incursão depois das aulas já terem começado, acredito que é franco dizer que tivemos uma introdução mais branda a tudo, do que nossas docentes, que buscaram se adaptar celeremente para acomodar não só a si mesmas mas aos alunos. Agora nós, orientandas, começamos com apenas algumas aulas porém com olhos atentos participando de todo o processo de criação e vendo essa preocupação com a aprendizagem e o crescimento e como também alunas no caminho para a docência sempre participamos das reuniões que aconteciam logo depois das aulas onde eram debatidas as questões para a melhoria do curso.

Precisou-se otimizar o meio de interação com eles, que quando em presencial se era feito de forma bastante conversativa, não podíamos fazer o mesmo



online pois a interferência, muitas vezes, de vários alunos acabava se tornando um problema para aqueles que queriam ouvir e aprender.

Desde de o começo, exploramos as ferramentas educacionais do Google, como o questionário de *feedback* para ter uma comunicação mais efetiva entre aluno-professor porque assim conseguimos o retorno do que causou um incômodo ou requer melhorias. Muitos dos nossos alunos, já mais velhos e com pouco acesso à *internet* sentiram uma grande dificuldade de mexer na plataforma Google *classroom* para acessar as atividades, assim como nós mesmas na adaptação a plataforma.

Muitas desistências ocorreram por conta do acesso limitado a *internet*, pois uma das maiores dificuldades por parte dos estudantes durante essa transposição, foi a acessibilidade. O fato de que a grande maioria está aprendendo algo que sempre esteve ali, não ao alcance de todos mesmo que devesse pois 'é um direito humano' (ONU) , apenas corrobora com a situação da tardia adaptação da educação no meio digital e o não acesso a internet ou a internet de qualidade para todos ser mais uma falha de, não só dos governantes do Brasil, mas da maior parte dos países, nós como futuras educadoras buscamos dar todo auxílio ao nosso alcance e suporte para quem possui o privilégio de ter acesso a essas plataformas.

Querendo nos adaptar as pessoas que continuaram no curso e desejavam um conhecimento mais profundo do português, buscamos introduzir o módulo ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), que proporcionou aos alunos alguns conhecimentos mais específicos do português como a nossa literatura, e o ajudava a desenvolver melhor o pensamento lógico e crítico para auxiliar nas questões de interpretação de texto.

Foi um grande avanço para agregar ao nosso conhecimento pois foi nesse módulo que tivemos mais acesso as dúvidas e aos quereres dos alunos, muitas dúvidas surgiram daqueles que não faziam parte da maioria e queriam continuar no básico, o que nos mostrava quais conhecimentos precisavam ser trabalhados com eles. As pessoas que buscavam aprender para estudar para provas no país, agora sim se comunicava de uma forma mais colaborativa pelos questionários de *feedback*



e davam opiniões sobre o que gostariam de ver e para melhorias na estrutura do curso.

Toda essa primeira introdução e ações foram necessárias para a segunda fase do nosso curso ter as melhorias que teve, de primeira mão tivemos nossas dúvidas expostas e cabeças abertas para aprender junto com os alunos e ao finalizar este módulo consideramos uma grande vitória, pois apesar de ter acontecido grandes desistências tivemos grandes aprendizados nesse “novo” método de ensino para assim nos apresentar não tão novatas e mais confiantes para os demais.

Em busca de favorecer as duas partes, agora temos dois módulos principados na segunda semana de agosto, de iniciante e intermediário que alcança tanto aqueles que estão no Brasil a pouco ou muito tempo e também pessoas fora do país que querem aprender o idioma, a grande maioria da Venezuela.

E agora nós, discentes em treinamento para a docência, à frente dos projetos porém sempre com nossas orientadoras dando o suporte necessário e principalmente a confiança no nosso desempenho é o que está fazendo o nosso progresso agora de forma bastante positiva pois sabemos como organizar e nos comunicar melhor com os alunos nos dois cursos e sabermos melhor como ajudá-los na adaptação apesar de muitos já virem do nosso primeiro semestre de curso.

Apesar do nosso contato ser através de uma tela de computador, pode-se sentir a motivação deles em aprender assim como os estudantes devem sentir o nosso conforto adquirido e tranquilidade de ensinar sem as nossas professoras.

Então abordamos em nossas aulas tanto a forma de se expressar em comunicações coloquiais despreziosas, informais e também apresentando a parte da língua portuguesa que é padronizada e ensinada nas escolas, sempre expondo várias formas de usar palavras, frases, buscando ampliar o significado das mesmas para eles, nós entendemos que é necessário ter uma nova maneira de ensino dessa língua, Júlio Ribeiro inovou criando a primeira gramática para crianças, algo necessário para melhorar o aprendizado daquele grupo, sendo assim estamos sempre trocando ideias com os alunos através do chat ou chamando para falar

abrindo seus microfones durante as aulas ao vivo para ter essa troca de culturalidade que vai ser mais um acréscimo para o “português brasileiro”, como diz Moita Lopes, p.19 “é necessário repensar o que temos chamado de português”.

Continuamos utilizando as plataformas de ensino que o Google disponibiliza, pois se tornou bastante efetivo neste modelo de aulas, e os alunos agora mais adaptados expressam melhor suas dúvidas e preocupações por meio delas, pois com perguntas diretas respondem de forma mais concreta.

Sempre criamos o nosso material buscando em outros livros voltados ao PLA como os livros da ACNUR ou simplesmente livros de português e sempre colocamos todo o conteúdo na plataforma para que os estudantes possam voltar sempre que precisam revisar e assim garantimos um acesso a um conhecimento adaptado para eles, não só à leitura mas também as atividades de PLA disponíveis na nossa plataforma se mostraram bastante necessárias para os discentes se acostumarem e otimizarem sua fala e escrita não apenas em nossas aulas que acontecem uma vez por semana para cada curso.

Sobre os desdobramentos da formação discente e docente.

Com passos mais confiantes e já conhecendo bem mais o público que atingimos nesse meio, sabíamos como passar de forma mais concreta para os estudantes da língua, passamos a ter uma comunicação mais efetiva com eles ao criar mais de um nível.

No nível iniciante temos um público que mesmo já morando a um tempo no Brasil gostaria de obter mais confiança ao falar e aprender junto com aquele que não estão imersos nesses aspectos da língua para banir vícios adquiridos e se comunicar melhor como o público ao redor sem serem mal interpretados, também temos estudantes que estão a caminho de se mudar para o Brasil, e procuram se preparar quanto ao idioma para não sentirem maiores dificuldades.

Como eles já gostam e estão acostumados com a gente e não se sentem pressionados ou até mesmo acanhados para nos perguntar ou pedir informações, isso com certeza ajuda bastante no desenvolvimento tanto deles quanto nosso pois a comunicação nos ajuda a ter uma troca ainda maior com eles que é a de culturas,

algo que tínhamos nas aulas presenciais e buscamos a melhor forma de continuar a ter no primeiro semestre.

Essa troca de conhecimentos nos garante uma forma mais leve de passar o conteúdo, não de maneira impositiva, como dito antes não podemos fazer uma aula com várias pessoas falando mas com eles entendendo que nos importamos sim com o que está chegando a eles e o que eles têm a dizer nos faz sentir no caminho certo para a docência e é possível sentir a retribuição do carinho que é o reconhecimento do esforço.

Com o nível intermediário agora nesse segundo semestre pudemos avançar um pouco porém não deixamos nos enganar com as similaridades da língua e o entendimento deles. Foi visto que ao passar três conteúdos, por mais que tranquilos e bem exemplificados, tem-se que ter em mente que aquelas pessoas não estudaram a gramática da língua antes, então por mais que conheçam a palavra e saibam onde usar podem não saber todas as formas que se podem ser ditas e usadas, ou seja ainda assim o conhecimento que queremos passar por mais que um seja adiantado ainda tem que ser dado da mesma forma que no iniciante, vagarosamente e com materiais de apoio para esclarecimento e revisão de dúvidas no decorrer das aulas.

Os estudantes do nosso curso gostam de aprender e se empenham para entender o conteúdo com grande motivação, aquela motivação vista nas aulas presenciais e agora nos apresentada em aulas *on-line* nos contagia, sempre tivemos a intenção de buscar melhorias independente do que acontecesse no decorrer do curso, pois ao começar nessa modalidade tudo era completamente novo para a maioria das envolvidas no projeto, a felicidade de saber que os resultados estão cada vez mais positivos e saber que estamos no caminho certo é um sentimento singular para o profissional na área da educação, mesmo com os poucos recursos dos alunos e nossos como estudantes da área.

O apoio que as orientadoras nos deram no começo foram essenciais para o nosso desempenho no segundo semestre ligado ao fato de que no primeiro era



apenas uma parte do trabalho que desempenhamos e no segundo já temos um controle mais amplo ao ponto de todas as aulas dependerem de nós.

Acreditamos que a confiança que nos foi dada tem que ser devolvida com grande esforço e sempre com vontade de ouvir e aprender, sendo assim, isso é essencial para o desenvolvimento do estudante de letras, a reciprocidade e o saber que temos apoio.

Considerações finais

Neste trabalho buscou-se apresentar as dificuldades de nossa transposição e dar enfoque para o alcance das aulas on-line e a grande motivação dos alunos a aprender não só por necessidade mas também para buscar mais oportunidades e conhecimentos de um país que está servindo de lar para muitos imigrantes.

A troca de culturalidade e conhecimentos que estamos tendo é muito rica, pois o grande contato com pessoas vivendo outra realidade acaba por trazer mais questões que podem ser abordadas e agregadas ao conhecimento da turma e a diversidade é algo importante e cada vez mais abordado, portanto, ótimo assunto a ser utilizada para ter diferentes pensamentos expostos por meio das palavras escolhidas. E assim buscamos com que nossos alunos se manifestem bastante, tenham esse conhecimento e saibam como se expressar da maneira desejada na língua portuguesa, o que irá servir para várias outras temáticas.

Nossas dificuldades foram expostas e nossas maneiras de lidar com elas se mostraram eficazes e isso com apenas uma de nós amplamente conhecedora do assunto nos mostra como a união em tempos pandêmicos foi essencial para que esse projeto fosse otimizado para as plataformas digitais.

Ter feito essa transposição de forma abrupta no começo e nos ser apresentado dificuldades novas foi o que nos deu um resultado melhor tanto no primeiro quanto no segundo semestre e a busca em problematizar a falta de conhecimento de aliados tecnológicos na educação tanto quanto o não alcance de



todos a uma *internet* de qualidade é um grande aliado da desigualdade, que infelizmente não está presente apenas em nosso país.

A nossa participação nesse projeto se faz muito benéfica para termos experiências novas e garantir uma melhor formação futura, tida de forma complementar e saudável por nossas grandes professoras e criadoras do projeto de português como língua adicional.

REFERÊNCIAS

- RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial.
- CUCHE, Denys. O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PORTUGUÊS DO BRASIL PARA REFUGIADAS E REFUGIADOS, Jacqueline Feitosa | Juliana Marra | Karina Fasson | Nayara Moreira | Renata Pereira | Talita Amaro. São Paulo: EDITORA RESPONSÁVEL: Talita Amaro de Oliveira, 2015. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Pode_Entrar_ACNUR-2015.pdf
- LOPES, Moita. Português no Século XXI. Cenário Geopolítico e Sociolinguístico - 2013, São Paulo: Marcos Marcionilo (Editor)